



FAMÍLIA

Quando um aluno não quer estudar, ou o aluno está doente, ou está doente a escola". Partindo destes pontos, não é certo dizer que a família não foi parceira da escola e ausente com seu filho? Será que a falta de motivação e desconhecimento da autonomia, não surgiu pelo modo que é tratado pela família? Será que o pré-julgamento dos pais não cria a desmotivação do aluno? Será que pelo método de parceira escola-família que a Ponte tem não transforma o relacionamento familiar?

Professor:

A família tem um papel essencial em tudo o que se relaciona com os seus membros, especialmente com as crianças. Contudo, nem tudo é só responsabilidade da família. É possível que a família estimule as crianças e adolescentes, e que a escola funcione precisamente ao contrário. Por outro lado, há famílias que, por diversos motivos, não possuem as condições mais elementares para ajudar convenientemente os seus membros. Tive um atendimento com uma encarregada de educação de um aluno, cujo pai lhe disse diretamente que nunca mais o queria ver e que já não o vê há quatro ou cinco anos. A mãe, por outro lado, tem um emprego com horários muito estranhos, o que leva a que o filho fique entregue, quase em exclusividade, à avô. É óbvio que a família não está bem e que é necessário que a escola faça o seu papel para tentar "equilibrar" um pouco as coisas. É necessário tentar ajudar o aluno a encontrar-se como pessoa e a lidar com tudo isto, para, depois, encontrar o seu lugar nas restantes instituições.

Tudo está interligado, o que se passa em casa afeta a escola, mas o que se passa na escola também afeta o que se passa no contexto familiar. Penso que é importante este relacionamento, que tentamos que seja tão profundo quanto possível, mas é preciso ter algum cuidado para não julgar a família e pedir-lhe o que ela não pede dar. Tem de acontecer uma parceria, onde todos compreendem o seu papel e os objetivos comuns. Finalmente, há situações limites, em que a família não consegue cumprir a sua missão. Por isso, existe a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco...

Para o projeto da Ponte dar certo, foi preciso convencer os pais de sua importância. Mas, pensando no Brasil surge uma dúvida: Como pode a escola motivar o aluno de que a leitura é importante, se o aluno tem pais que não sabem ler, ou não têm hábitos de leitura? Há alguns alunos que vão à escola apenas pelo fato de terem comida lá, o que lhes falta em



casa. A Ponte tem algum projeto social para ajudar famílias com dificuldades econômicas, ou tal situação não acontece em Portugal?

Professora:

Recordo-me de ouvir um professor da Ponte dizer que, quando chegou a esta escola e sentiu que era urgente aproximar as famílias da realidade dos seus filhos, ele começou por procurá-los, em vez de esperar que eles procurassem a escola. Depois do seu dia de trabalho, saía rumo ao "botequim", onde sabia que muitos dos encarregados de educação estariam a tomar o seu "copito" no final de um dia de trabalho. Aí, entre copitos e cafés, o professor permitiu que os pais conhecessem o professor dos seus filhos e percebessem que alguém se preocupava com eles e que queria o melhor para o seu futuro. Bom trabalho o seu, que foi capaz de motivar estes pais a unirem-se, tornando-se numa das associações de pais mais ativa que já conheci. Como qualquer relação pessoal, é necessário cultivá-la. É indispensável o encontro mensal que fazemos (pais e orientadores), para discutirmos questões de foro pedagógico. A nossa Associação de Pais existe desde 1976. Movidos pela necessidade de conquistar instalações mais dignas para os seus educandos, pais e familiares juntaram-se e começaram a assumir uma posição de união e de força, que ainda hoje se mantém viva nos momentos de mais difícil decisão. Os seus membros são os grandes colaboradores e promotores do Projeto Educativo. A Associação tem papel primordial no desenvolvimento do projeto, nomeadamente na organização de atividades de férias, do funcionamento da cantina e na dinamização de atividades de enriquecimento curricular. É um interlocutor sempre disponível, um aliado para a resolução de problemas e, por isso, se reúne mensalmente com o Conselho de Projeto, para o balanço e avaliação do trabalho de professores e alunos.

Na Escola da Ponte, os pais participam na elaboração e na decisão do Projeto Educativo e por isso escolhem para os seus filhos um Projeto Educativo que também é o deles. Nos de encontro com o professor tutor, desenvolvem uma postura de maior envolvimento e a vontade de saber mais sobre uma metodologia de trabalho que em nada se assemelha à experiência de escola que tiveram em crianças. Relativamente aos hábitos de leitura, através do dispositivo da "história da quinzena" e das questões lançadas em torno do seu conteúdo para trabalho de casa, os pais são incentivados a participar. Desenvolvemos o "Projeto Ler Consigo", que visa convidar autores e pais para partilharem leituras com os alunos, e recentemente, no âmbito do Plano Nacional de Leitura, encetamos uma série de atividades de leitura com dinâmicas diversificadas, que também contou com a participação dos pais. Sob a forma de encontro mais animado e divertido, realizou-se pelo segundo ano a "noite dos pijamas" onde pais e filhos partilham leituras de poemas e contos e se juntam para cantar e passar um bom serão de pijama e pantufas.



Na nossa escola não existe nenhum projeto de âmbito social estruturado para resolver situações de precariedade social. Contudo, com a ajuda da psicóloga e de todos os tutores, tomamos consciência de realidades graves e intervimos junto das estruturas sociais que salvaguardam os direitos das crianças e dão seguimento a apoios sociais governamentais.

Professor:

Na Ponte, todos os alunos têm "soluções" alternativas, que se refletem num Plano da Quinzena personalizado e individualizado, tendo em conta as ambições e capacidades do aluno. Já nos deparamos com vários casos de grande desmotivação para a escola, para o estudo, para a leitura, por parte de alunos com um historial escolar conturbado, alguns, inclusive, de violência escolar. Sem entrar em pormenores, posso partilhar um caso recente. Uma aluna de 15 anos, que já tinha deixado de estudar, é obrigada (pelo Estado) a voltar à escola. Tinha no seu historial uma agressão com uma cadeira a uma professora. Nas primeiras semanas, foram mais as vezes que faltou à escola do que aquelas em que esteve presente. Quando reapareceu, criou vários conflitos com os colegas. A aluna não queria estudar e a sua única ambição era terminar a idade de escolaridade obrigatória para poder trabalhar. Não foi fácil motivar esta aluna. Não foi o professor-tutor, o professor X ou Y, uma funcionária ou amigo que fez a diferença. Foi a escola como um todo. O professor-tutor fez o seu papel, estabelecendo a ponte entre a escola e os pais e negociando com a aluna as tarefas a realizar, encontrando pontos de interesse e relacionando-os com as diferentes valências. Os professores procuraram motivá-la, mostrando que, ao contrário do que pensava, tinha grandes capacidades. Os colegas, nomeadamente o grupo, apoiaram (e muito!) a integração da aluna. Os funcionários trataram-na como se estivesse na escola desde o primeiro ano. Podemos dizer que o todo foi mais que a soma das partes... O comportamento da aluna melhorou imenso, a atitude perante a escola já é outro e o seu futuro mudou... É verdade que, pontualmente, vamos tomando medidas para melhorar a autonomia e interesse dos alunos, sobretudo, daqueles que manifestam maiores dificuldades, mas é uma cultura de escola para todos, um espírito de solidariedade, um olhar para cada aluno como um caso particular que no fundo faz a diferença. Por isso, é difícil destacar um diálogo, ou esforço pontual, que tenha marcado a diferença.

Gostaria se possível, de maiores esclarecimentos quanto a estas reuniões com os pais. Com que frequência ocorre e qual a dinâmica das mesmas?

Professora:

Trata-se de um aprendizado coletivo e a troca de ideias e sugestões e experiências contribuem para



uma noção de pertença de um grupo que se preocupa com o outro, com seu desenvolvimento, com seu trilha e sua felicidade. Remeto para o Projeto Fazer a Ponte: queremos crianças mais sábias e mais felizes! Cada ser é único e irrepetível. Cada projeto é singular. A sua aplicação deve ter em conta o meio e os intervenientes no processo. Tudo o resto são princípios nos quais todos acreditamos. Este projeto deve a sua continuidade ao seu criador, à equipe de educadores, aos nossos alunos e, principalmente, aos pais. Somos, verdadeiramente, uma comunidade educativa. Temos de funcionar em conjunto, todos somos educadores. As crianças passam a maior parte de seu tempo na escola. Esta, naturalmente, desempenha um papel preponderante, fulcral na vida de cada pessoa. É fundamental que todos os educadores – os orientadores nas escolas e os pais, em casa – remem para o mesmo lado, de modo a se desviar das correntezas que podem fazer perigar a embarcação! É fundamental que se perpetuem os valores intemporais - honestidade; integridade; civismo; solidariedade; fraternidade, entre outros. É fundamental que os pais tenham oportunidade de expor as suas dúvidas com relação à atividade de seu educando/a na escola; que os pais possam ir à escola, não só para escutar do insucesso ou da indisciplina de seu filho/a, (como acontece em outros em outras escolas - reunião das classificações), mas que eles possam, igualmente, escutar os receios e as alegrias de outros pais. É fundamental que os pais entrem nas escolas e sintam esse espaço como seu também, que se imiscuem nos problemas e na sua resolução, bem como nas festas e momentos de exaltação. É fundamental que os pais entendam o projeto educativo do seu educando/a e o abracem e o questionem e o atualizem e o promovam e o defendam e se apropriem dele. Os pais fazem parte do órgão máximo da escola – Conselho de Direção – e intervêm diretamente no processo de gestão da mesma. O Conselho de Projeto (equipe de orientadores educativos) se disponibiliza para tratar de variadas questões gerais – alimentação, higiene, entre milhentos assuntos de interesse comum. Questões gerais são aí analisadas. As particulares e específicas são resolvidas em sede com o professor-tutor. Ninguém tem de se expor... A primeira reunião do ano é feita na presença de todos os núcleos. A segunda poderá ser separada, sob o propósito de garantir a exploração de assuntos referentes a cada núcleo - por exemplo, o espaço, dado que os núcleos não estão funcionando todos no mesmo polo. Tudo isso é decidido com a Associação de encarregados de educação, via seu representante - o seu Presidente – que tem assento no Conselho de Projeto. Amanhã, vamos ter uma reunião importantíssima sobre futuras instalações para albergar o nosso projeto. Serão os pais a decidir se a proposta do governo serve os interesses de seus filhos, ou não, se essa proposta não leva a correr riscos de uma potencial descaracterização do projeto.

**Já encontraram dificuldades de conseguir o apoio da família em casos de indisciplina?
Como conseguiram resolver a questão?**



Professora:

Professores e pais são, não raramente, uma das causas da indisciplina - quase involuntariamente ignoram o ser humano que têm na frente - as suas dores, o seu passado, o seu presente e somente se interessam por lhe designar um “futuro”. Persistência e tranquilidade são palavras-chave nessa matéria. Tem razão quando se refere à dificuldade que, por vezes, enfrentamos ao lidarmos com pais que mascaram as atitudes dos educandos, que super protegem os filhos, que rejeitam a realidade. Mas pensemos sobre o quão deve ser difícil para um pai escutar professores a falar do que em gíria dizemos “barbaridades” de seu filho... O sacrifício que muitas famílias fazem para manter os filhos na escola pode interferir na capacidade de observação da realidade, porque não passam tempo de qualidade com eles, por que chegam a casa e seus filhos já estão dormindo. Trata-se de um problema social. A escola não pode substituir a família. Uma vez mais, persistência e tranquilidade são palavras-chave nessa matéria. As assembleias de encarregados de educação servem para debate de questões gerais, mas sugeriria que adotasse a criação de uma figura – do Professor-Tutor. Neste projeto, o papel deste dispositivo é de ligação da escola com a família, e assim é uma ponte. Mais uma... Quando reforçamos os encontros com os pais, procuramos estreitar os laços, abrindo as portas da escola e convidando-os a observarem... E usamos o caderno de recados, quer para relatar um episódio menos fortuito, quer para equilibrar com outro positivo. Ninguém fica feliz, se estiverem sempre criticando aqueles que nós amamos. O professor-tutor relata estratégias pedagógicas usadas e procura demonstrar o papel formativo da escola, sem entrar em excessos. Recolhe dados junto da criança, pede a esta que assista aos encontros e não aponta falhas somente, condição sem a qual, todo o processo fica em risco de falir. O Plano da Quinzena constituiu-se num veículo de comunicação entre os orientadores educativos e os pais. O espaço consignado para redigir alguma observação deve ser usado e não se pode acumular situações. Chamar os pais para lhes transmitir um desfiar de queixas mina o sucesso das relações. É crucial nos vejamos como parceiros e não inimigos. Não há receitas. Há tentativas de resolução que poderão fugir do resultado esperado, mas nunca poderemos crer que não deram em nada. Também é verdade que encontramos pais que nos “jogam balde de água fria” na análise de conduta dos seus filhos; que não compreendem bem o Projeto Educativo; que “escolhem” os Deveres que desejam que seus filhos cumpram; que exigem diferentes atitudes da parte dos orientadores educativos para com seus educandos, promovendo um estatuto de singularidade e de diferenciação negativa... Os procedimentos que temos com estes são os que já referi.

No que se refere aos pais, que estratégias são desenvolvidas com este grupo como auxílio à motivação da criança? A Ponte oferece cursos e palestras (além das reuniões) para discutir



temas como Educação Familiar, Inteligência Emocional e Disciplina? Trabalho com Orientação Familiar e percebo que os pais têm grande dificuldade na educação de seus filhos no lar. Dentre os problemas estão a falta de tempo para orientar as crianças, o desconhecimento das fases de desenvolvimento infantil, a utilização de métodos duvidosos de educação (punição corporal, tortura psicológica) e falta de sensibilidade em relação às emoções da criança. Na instituição que desenvolvo meus projetos de Educação Familiar, fazemos cursos, muito bem aceitos pelos pais para reverter o processo descrito acima. Quais os maiores problemas enfrentados pela Ponte referentes ao papel da família na educação e motivação da criança?

Professora:

É uma questão importante, relacionada com a motivação dos pais para colaborar com os orientadores educativos na concretização do projeto Fazer a Ponte. Ao escolherem celebrar um compromisso educativo com a Escola, os pais dos nossos alunos comprometem-se a zelar pelo cumprimento dos princípios que regulam o projeto e demonstram confiar no trabalho desenvolvido por todos os elementos da equipa de orientadores educativos. Além disso, é indispensável o contributo dos pais para refletirmos e melhorarmos a organização e funcionamento da Escola. As suas vozes (manifestadas, por exemplo, através do Conselho de Gestão, do Conselho de Direção e da Associação de Pais) são legítimas e levadas em consideração. Relativamente ao acompanhamento do processo de aprendizagem dos seus filhos, e, contrariamente ao que acontece na maioria das escolas, os pais não são convocados para ouvirem reclamações e serem informados acerca das classificações atribuídas nas diferentes áreas, nos finais do período. Os pais recebem de forma continuada o *feedback* do trabalho desenvolvido pelos seus filhos, estendendo-se esse *feedback* a uma reflexão sobre atitudes e comportamentos. Daí ser importante a figura do professor-tutor, orientador educativo que acompanha de perto toda a aprendizagem de um pequeno grupo de crianças. É o professor-tutor que mantém o contato direto com os pais, através do recurso a diferentes dispositivos, como o plano da quinzena, o caderno de recados. Nos encontros com os Pais/Encarregados de Educação, é dado enfoque às evoluções/conquistas da criança (ainda que pequenas) e, em conjunto, são encontradas estratégias para resolução de problemas e superação de dificuldades. A participação dos pais é ainda estimulada quando estes são encorajados a assistir às reuniões da Assembleia de Escola, a entrar nos espaços para conhecer e perceber as diferentes dinâmicas de trabalho, a estarem presentes como agentes ou espectadores de iniciativas várias promovidas pelas diferentes dimensões. Contudo, é ilusório pensar que, neste momento, todos os pais que se comprometeram a agir em conformidade com o projeto estejam disponíveis e empenhados na educação dos seus filhos...



Professor:

Na Ponte, tentamos que muito deste trabalho passe pelo professor-tutor. No último ano letivo, a psicóloga da escola organizou um grupo de pais (não uma escola de pais) em que estes discutiam os problemas que sentiam e tentavam encontrar possíveis soluções. O maior problema é claramente o estado em que se encontram muitas das famílias dos nossos alunos. Por vezes, os elementos da família até têm toda a boa vontade do mundo e percebem que a situação não é a ideal. Contudo, a situação social e económica em que vivem dificulta-lhes imenso a sua participação noutros moldes. Por vezes, temos de procurar soluções junto da Assistência Social e em alguns casos, felizmente, mais raros, junto da Comissão de Proteção de Jovens e Menores em risco.

No que se refere aos pais, que estratégias são desenvolvidas com este grupo como auxílio à motivação da criança?

Professor:

Existem diferentes espaços de interação com os pais. Muitos deles são informais e por vezes são os mais ricos (para resolver problemas específicos), outros são mais formais (reuniões gerais - que servem mais para resolver questões relacionadas com a escola). O trabalho de ligação do professor-tutor com cada pai é fundamental. É um trabalho muito mais personalizado, mais contínuo e mais prolongado. Penso que estes três fatores são absolutamente essenciais para que algumas alterações se processem (na escola, nos pais e nas crianças/adolescentes). Muitas vezes o trabalho que tentamos realizar situa-se muito a montante da motivação para o trabalho na Escola. Existem muitas condições necessárias, mas não suficientes, para tudo corra bem e a estabilidade familiar (que é um conceito muito vago e muito variável de caso para caso) é um deles.

Quais são os meios utilizados para "motivar" a participação? Percebo que na maioria das escolas, os pais são convocados apenas para buscarem os "boletins" dos filhos e para ouvirem reclamações sobre o comportamento dos mesmos.

Professor:

Não são apenas os pais que são chamados pelos professores. Os professores também são chamados pelos pais. Nós estamos sempre disponíveis para discutir seja o que for com os pais. E os pais tomam, efetivamente, decisões sobre o percurso do seu filho e sobre a escola. É necessário que a escola assuma, de uma vez por todas, que existe porque os pais também querem que ela exista.



Os alunos organizam seus direitos e deveres. Nessa organização fica estabelecido para cada direito e dever um tipo de reflexão, conforme os conflitos que surgem entre alunos? A reflexão, a meu ver deve ficar registrada, mas, deve ela ser socializada com os demais colegas, professores e orientadores (tutores)? Nas séries finais, especialmente às do Ensino Médio, só a reflexão é instrumento suficiente de mudança de comportamento? Ser ajudado pela Comissão poderia tornar-se um hábito de fuga quando a família é totalmente ausente? Gostaria de mais detalhes.

Professor:

Nada está pré-determinado, a não ser que é necessário que os alunos pensem sobre o que aconteceu e sobre o que podem fazer para melhorar o seu comportamento e para reparar o sucedido. Em alguns casos, isso fica registrado e é partilhado em Assembleia. Mas temos que ter a noção de que a imensa maioria das questões é de pequena importância, nada de muito grave, pequenas brigas, atrasos na entrega dos materiais, alguém que estava mais exaltado e respondeu de uma forma menos própria, mas não insultuosa... Normalmente, o professor-tutor tem conhecimento do que aconteceu, mas não é necessário que interfira diretamente.

Todos os jovens têm uma excelente noção de justiça (pelo menos é o que me diz a minha experiência, a não ser que tenham um problema mental grave) e compreendem facilmente o que fizeram. Podem não estar em condições de admiti-lo, em momentos em que estão mais nervosos. Será preciso dar-lhes algum tempo (que também poderá ser muito útil para nos acalmarmos). Neste ano, recebemos um aluno, que nos foi encaminhado pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de uma cidade que dista das Aves cerca de 45 km. Dizem ser um jovem muito "complicado". Tem 13 anos e está matriculado no 5º ano (o que significa que ficou retido, pelo menos, três anos). Na família, ele sempre esteve habituado a ter maus comportamentos. Na escola habituou-se a que lhe respondessem na mesma moeda. Mas, neste momento, já se começa a notar que ele está a compreender que aqui é diferente. Já compreendeu que os professores querem mesmo ajudá-lo e não expulsá-lo da escola. Levanta-se extremamente cedo para pegar transporte para poder vir para a Ponte e vem todos os dias. Tem escola mesmo perto de casa. Em Portugal, ninguém faz isto. Faz-se 45 km para ir para a Faculdade ou, em casos de famílias ricas, para ir para o colégio (instituição particular). Resumindo, quando alguém faz algo menos ajuizado, precisa de tempo para acalmar. Depois, compreende o que fez e tenta mesmo (penso que é mesmo sincero) melhorar. Vai demorar tempo? Vai, sem dúvida, mas "até a mais longa caminhada começa por um pequeno passo"...As relações na Ponte são muito pessoais e intensas, os alunos percebem-nas bem.



No Brasil, existe uma prática muito comum: quando existem "problemas de disciplina" com um aluno, a família é chamada na escola para responder conjuntamente com o aluno sobre seu comportamento. Como a Escola da Ponte vê o envolvimento dos Pais na questão da disciplina dos alunos? Trabalho em um abrigo com adolescentes que viveram ou vivem situações de violência muito grande por parte da família de origem. Nosso maior problema é a indisciplina. São jovens que têm muitas dificuldades em aceitar limites. A maior dificuldade é incentivar estes adolescentes a participarem de uma escola que não privilegia suas histórias, muito pelo contrário, que tem muitos preconceitos. Como trabalhar a questão da disciplina com jovens que tiveram experiências de vidas tão traumáticas e que acabam não vendo muitas perspectivas de vida?

Professora:

Respeitando a individualidade de cada aluno, todos se regem por um referencial comum de Direitos e Deveres, aprovado pelos alunos em Assembleia de Escola. São as próprias crianças que têm o papel mais ativo na gestão dos conflitos, regendo-se por um sistema de regras complexo, que nenhum dos alunos fica dispensado de cumprir. Visa-se a promoção dos valores da solidariedade e do trabalho cooperativo, no dia-a-dia da escola. Os alunos vivenciam regras de cidadania e participação democrática. Sempre que revela indícios de indisciplina, ou o incumprimento sistemático dos seus deveres, a Comissão de Ajuda intervém. O professor-tutor é o elo mais forte de ligação entre a escola e a família. Acompanha e orienta individualmente o percurso de cada tutorado, assim como mantém os encarregados de educação permanentemente informados. A intervenção do professor-tutor junto dos pais é fundamental. Famílias que não sabem como lidar com indisciplina, beneficiam da nossa parceria e ajuda.

Professor:

O importante é que trabalharmos todos em conjunto e para o mesmo fim. Por vezes, ocorrem situações muito complicadas em casa, que levam a que os alunos tenham comportamentos "estranhos" na escola. É necessário compreender os diferentes contextos para chegarmos a *bom porto*. Tentamos que cada intervenção seja articulada entre as entidades envolvidas, *afinando todos pelo mesmo diapasão...*

Quando falamos em indisciplina, falamos em família e comportamento. Os limites da família nem sempre são os limites e regras que a escola determina. Como trabalham estas questões?



Professora:

Em algumas famílias, pais demitem-se da sua função de "pais", delegam a autoridade, também, para a escola. São esses pais, que não exercem a sua autoridade, que questionam os direitos e deveres dos alunos. Isso não é um problema apenas da nossa escola, mas estamos perante um problema bastante complexo. Este assunto foi abordado na última reunião de pais do núcleo de Iniciação. Nós expusemos as nossas preocupações, sem apontar dedos a ninguém. Confrontar os pais de uma forma acusatória não é boa ideia. Aqui, a intervenção do professor-tutor junto dos pais é fundamental.

Os pais preferem uma escola aprendente, que não tem respostas prontas para tudo, onde a participação deles na escola é relevante para a construção de uma nova comunidade ou preferem uma escola "competente, que tudo prevê e para tudo tem respostas definitivas"? Penso que a classe médio-alta prefira o segundo tipo de escola, pois, ou acredita que esta escola poderá educar melhor os seus filhos para a competitiva sociedade capitalista ou esta escola lhes cause menos inconveniências pessoais.

Educadora brasileira:

A significação dos alcances, das funções, dos compromissos de cada Instituição não pode tornar-se única e uniformizante, no entanto, deve estar próxima à realidade dos agentes que interagem dentro e fora de suas paredes. É só por isso que há momentos em que pais estão na escola, há momentos que são a escola e, há momentos que sequer são! Mas cada Instituição deve buscar esse eixo de reflexão, lapidar o seu potencial humano na busca do seu momento que deve ser a "sua" solução. O que faz da Escola da Ponte uma experiência viva, é sua atitude aprendente, é capacidade "humana" de recuar alguns passos nas suas relações educacionais, políticas e especialmente sociais. Mesmo na Escola da Ponte, há momentos de dúvidas na trilha escolhida, mas são escolhas da comunidade educacional, não corporativamente.

A escola é feita de pessoas, de suas experiências, de suas consciências e vontades. Portanto, há pais que participam, há professores que interagem que compreendem a dimensão política dessa relação e que exigem para si esse compromisso, e há a sua negação, também. Só o que não há é um modelo do que se esperar das relações humanas. Talvez seja esse modelo o esperado pelo modismo enlatado que teimamos em consumir.

É necessário que repensemos alguns conceitos. Lembro-me do debate fundamental do filme Sociedade dos Poetas Mortos; a competência ética educacional com o produto educação. Em nada o aluno (não me recordo seu nome) que se suicida deixou de ser competente. Ele apenas foi mais além, escolheu o seu caminho e foi imprevisível. Contudo, as reações sociais eram totalmente previsíveis.



Nossa legislação instituiu como tema transversal uma componente curricular denominada de Ética e Cidadania. Nos meios acadêmicos superiores, a componente é Filosofia e Ética Profissional. Observo em diversas dessas instituições que, a idéia de ética é uma idéia normativa de previsibilidade de comportamentos e condutas por meio dos tais chamados "Códigos de Ética". Por que trouxe esses exemplos para discutirmos sua questão? Para demonstrar-lhe a incoerência do sistema capitalista que nós avalizamos. Que se utiliza de um equipamento social como a escola para produzir "robôs" (máquinas de reproduzir ordens) num mercado que aos poucos exige autonomia. Não sei em Portugal, mas no Brasil, ao selecionarmos candidatos para o preenchimento de uma vaga, esperamos encontrar pessoas dinâmicas, autônomas, capazes de buscar o justo num ambiente de conflito que é qualquer empresa onde trabalhe mais de uma única pessoa. Esse profissional não é facilmente encontrado.

Nossas instituições continuam por variados fatores a buscar a previsibilidade de respostas, de caminhos, continuam sendo reflexo de uma mentalidade de controle e de hábito (como já nos diria La Boétie no sec. XV) de uma elite treinada para tal função.

A proposta de uma escola aprendente é uma proposta de método, não é uma proposta de aniquilação dos saberes, culturalmente determinados por essa mesma elite. A produção cultural faz parte do conhecer o mundo, mas, ela pode e deve ser (re)significada na Instituição. Essa proposta tem na participação "ativa" dos seus agentes a significação do papel do saber no seu meio social, transformando métodos, ideologias, em função da sua Comunidade. É aprendente, pois não se fecha numa metodologia que encarcera e reproduz as previsibilidades, as respostas prontas. Mas não é em nenhum momento a negação da competência. Somos Escola, pois temos definido um propósito de aquisição de saberes que propiciam o desenvolvimento individual e social do Homem na melhor gestão do mundo em si (cidadania) a partir do pensar e não da reprodução. Caso contrário essa "educação" poderia ser oferecida na Igreja, no Clube, na festa, etc. O que nos torna democráticos é a possibilidade de pais escolherem os projetos pedagógicos que lhe convém, mas a escola não deve nunca deixar de por em causa a ideologia a que serve.

No dia 20 de Maio, sexta-feira, pelas 21h00, no espaço Rubem Alves os pais da Ponte trouxeram os seus cinco sentidos bem apurados e entraram no mundo das histórias, descobrindo como poderiam ajudar o seu filho a saborear também o prazer dos livros. Exploramos estratégias de leitura, divulgamos iniciativas, planos e projetos nacionais e discutimos os desafios da literatura infanto-juvenil, assim como a sua atual relação com as novas tecnologias.

<http://www.facebook.com/media/set/>

Sou professora há três anos e de tudo tenho feito para envolver os pais dos meus alunos nas atividades da escola. A minha questão é: por que razões os pais dos nossos alunos nos atiram



pedras constantemente? Contestam todas as nossas atitudes e acham que têm sempre a razão do lado deles. Sem se darem conta, acabam por provocar mal estar nos próprios filhos, que ficam influenciados com as atitudes dos pais. Como poderei eu tentar mudar a maneira de pensar e de estar dos pais perante a escola?

Educadora brasileira:

Não acredito que haja receitas nas relações humanas. Há um trabalho árduo e lento. A paixão é um sentimento imediatista, que, por vezes, satisfeito o desejo se anula com a mesma rapidez que surgiu. O amor é algo que se fortalece no dia a dia, que amadurece e se satisfaz a cada novo momento que antevê a realização do outro. Ser professor é amar. Amar implica em repensar atitudes e condutas sem que para isso precisemos anular a nossa identidade. Assim, enquanto Escola, as atividades propostas são atividades que significam aos pais tanto quanto para a Instituição? Para que elas servem? A quem elas servem? Há uma Escola que visito como voluntária que está num trabalho muito interessante. Após uma brincadeira entre filhos e pais de quem conhece mais um ao outro, tabularam que alguns anseios dos pais era não poder dar aos seus filhos uma vivência cultural de cinema, teatro etc. Alguns professores, a partir dos dados, montaram o projeto "Arte na Escola". A primeira experiência foi com Arte Moderna. As crianças viram slides de obras, pesquisaram e produziram sua primeira semana de arte moderna para os pais. A presença não foi 100%. Numa escola com 120 alunos, houve a presença de 40 a 50 pais. Esse foi o primeiro passo para satisfazer "os desejos" de pais e alunos. As crianças agora estão pensando em fazer a sua releitura de uma peça teatral. É um começo. Por isso, não há receitas, é necessário o jogo dos erros e acertos e, requer de nossa parte sensibilidade e atenção para as mensagens em um relacionamento.

Durante os anos em que trabalhei na direção de uma escola pública, criamos uma série de iniciativas que tinham como objetivo principal aproximar os pais da escola. De certa forma, ainda que os objetivos fossem nobres, de alguma forma eu sentia que aquele contato era artificial, pois o envolvimento era muito mais "cênico" do que efetivo e capaz de transformar a relação estabelecida há anos. Que tipo de ações concretas vocês lançaram mão para transformar os pais em verdadeiros atores do processo e não meros figurantes como costumamos ver na maioria das escolas?

Professor:

Nós dispensamos "figurantes" e representações corporativas... Por exemplo, (por mais polêmica que possa ser a interrogação, apetece-me "provocar fraternalmente") eu ousou perguntar: o que vão os pais e os representantes dos auxiliares de ação educativa e dos serviços administrativos fazer nas



reuniões de Conselho Pedagógico de outras escolas? Se essas reuniões forem preenchidas com assuntos efetivamente do âmbito da Pedagogia e o teor da discussão não assentar num mero exercício de senso comum, mas numa linguagem de códigos mais elaborados que caracteriza o discurso científico das ciências da educação, quantos pais estarão capacitados para participar plenamente nessas discussões? Dito de outra forma: quantos professores estarão capacitados para participar numa reunião de especialistas em eletrônica, ou numa reunião de um conselho de consultores de uma qualquer unidade industrial?

Se os pais participam em reuniões de Conselho Pedagógico em que se discutem questões de *lana caprina*, estão a perder tempo. Se as discussões forem, efetivamente, sobre pedagogia o mais provável será os pais não arriscarem fazer qualquer comentário, ou emitir uma simples opinião. Os pais poderão ir à primeira reunião, mas duvido que vão à segunda... A participação de pais (ou de representantes de corporações) num Conselho Pedagógico não pode ser um "faz de conta".

Se os pais quiserem estar presentes nas reuniões de Conselho Pedagógico, ninguém os impedirá. Bem pelo contrário!... Nós queremos os pais na escola dos seus filhos, na escola que também é sua. Queremos repartir responsabilidades.

Os pais são um dos mais sólidos pilares do nosso projeto. É nossa vontade que eles tomem a responsabilidade da Direção da escola. Mas nunca confundimos o estatuto de pai com o estatuto de professor. Nós tratamos os pais, desde 1976, com o respeito de que são merecedores. Nunca os expusemos a situações de constrangimento. Criámos mediadores: professor-tutor, caderno de vaim, reuniões, etc. Reformulámos os códigos de comunicação. Enfim!... E consideramos estar ainda no princípio da mútua aprendizagem de cooperação.

Festa Branca, organizada pelas crianças, com apoio de pais e professores (<http://jornal-dia-a-dia.blogspot.com.br/>)

Sou professora de uma escola da zona rural, em juazeiro do norte no Ceará, meus alunos não tem referência de família, pois os pais trocam constantemente de pares. Tenho alunos que são primos e irmãos/ tios e irmãos/colegas e irmão e às vezes irmão e não sabem que o são. Que família vou levar a escola?

Professor:

Há cerca de uma semana, estive no Ceará. Hoje, receberemos a visita de algumas professoras vindas do Ceará. Algum conhecimento que tenho da realidade da escola pública cearense confirma o que escreveu. E pouco difere de muitas situações que eu mesmo vivi, em muitas escolas divorciadas das famílias dos seus alunos (quando família havia!...). Recebemos na Ponte crianças que não têm família e vivem em instituições de acolhimento. Outras crianças que estão em fase de



adoção. Outras ainda cujas famílias atravessam uma fase crítica... Pouco poderei acrescentar que possa ajudar. Coloco a mim próprio as vossas interrogações. E, se não sei que família se apresenta à escola, tento saber, pelo menos, o que está ao meu alcance: que escola se apresenta à família? Se há pais que negam a importância da escola e a competência dos seus professores, não haverá escolas e professores de costas voltados para as famílias dos seus alunos? Se a instituição Família está em crise, a instituição Escola também não está em "estado de graça"... Penso já ser o tempo de Escola e Família fazerem um *mea culpa* e procurarem vias de mútuo reconhecimento e entendimento, pondo ponto final num diálogo de surdos. Penso ser já tempo de deixar de lamentar, ainda que reconheça a legitimidade nas lamentações.

Educadora brasileira:

Ao construirmos valores com as crianças, sejam eles comuns ao coletivo ou não, devemos primeiro perguntar o que esse valor específico significa para nós. Introduzir valores que nada a nós represente é como construir simulacros, falsos valores. Assim sendo, qual o modelo de família que você quer trabalhar? Se ele corresponde ao vivenciado pelas crianças, a aproximação está feita e, não se sinta insegura de trabalhá-lo. Não se esqueça nunca, ele precisa ser trabalhado como a expressão real da comunidade.

Quando penso em família, penso em Amor. Amor que independe de sexo, cor, religião, agrupamento, etc. Dizer que a família é constituída de pai, mãe e respectivos filhos é representar socialmente papéis que se modificam de acordo com as necessidades aparentes ou não dessa sociedade. Quantas vezes não tratamos nossos amigos como família? Infelizmente, ao se desmancharem relações de amor, não trabalhamos com as crianças que a sua relação de amor com o Sr. A ou o Sr. B podem se manter estáveis. Terminar relacionamentos de adultos não é terminar relacionamento com as crianças.

Algumas tribos indígenas muito nos ensinam. A tribo é a família. O Amor, a fraternidade, a responsabilidade com todos é de todos. Por que não somos capazes de ver essa forma simples de amar? Por que não estender a Escola como família? Trazer pais na Escola não é torná-los família de todos? Corresponsáveis por todos e não apenas pelo seu rebento? O que nos une não é uma relação de Amor? Não somos uma família?

Começo por felicitar os organizadores, pela sempre atual questão das relações entre a Escola e a Família. Pretendo animar o debate, colocando uma questão que me parece pertinente: a da liberdade de educação. Será ou não verdade que os Pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos?

Estaremos ou não, em nome de uma eventual e tão badalada «crise da família» a



desresponsabilizar os Pais dos seus deveres e a convidar a Escola a assumir papéis que não lhe competem, sobrecarregando-a com mais trabalhos? Acontece que o modelo de Escola que temos, se caracteriza por ser uma instituição eminentemente pública, com tudo de bom e de perverso que isso implica. Se é pública e se os Pais são o público, porque não podem estes conceber e gerir um Projeto Educativo, de acordo com o gênero de educação que pretendem dar aos filhos? Não lhe parece que o papel do Estado, na Educação deveria apenas ser regulador e não gestor de interesses como acontece atualmente?

Professor:

Creio que já chega de lamentações e catarses. Nem as famílias, nem as escolas estão isentas de responsabilidades. E a mudança terá de partir de ambas. Há pais que veem a escola como um depósito de alunos. E é preciso desenganá-los. Há escolas que veem os pais como intrusos, quando deveriam considerá-los co-responsáveis pelo ato de educar. Não considero os pais como "público", ou clientes. Mas reconheço aos pais o direito de escolher o projeto de vida e o projeto educativo para o seu filho. E também o direito à escolha da escola que no seu projeto (não só no papel...) contemple e operacionalize os valores e princípios que enformem o modelo de aluno, de filho, de pessoa, de cidadão a que aspiram.

Em algumas das Unidades Educacionais da Prefeitura do Município de São Paulo é comum que a participação dos pais (mães/responsáveis) esteja relacionada apenas à concretização de tarefas, tais como: limpar a escola, auxiliar nas festas para arrecadação de fundos, etc. Por outro lado, a atual administração, do Partido dos Trabalhadores, apontou para a necessidade de envolvimento de todos - alunos, mães/pais/responsáveis, professores, equipe técnica e equipe de apoio educativo - nas tomadas de decisões em diversos espaços (por exemplo: no Conselho de Escola e na elaboração e acompanhamento do Projeto Político Pedagógico de cada Unidade Educacional). Nestes espaços, temos mães e pais que atualmente defendem que "a escola deve formar para a vida" e adquiriram estes posicionamentos participando... Pelo que foi possível ler, o Conselho Pedagógico da Escola da Ponte aparenta ser similar aos espaços construídos para a elaboração e o acompanhamento do nosso Projeto Político Pedagógico. Dito isto, as perguntas são as seguintes: será que todos os pais (mães ou responsáveis) não têm competência para acompanhar reuniões pedagógicas? Será que uma concepção de educação democrática e popular só pode ser construída através da educação formal (com a aquisição de um diploma de professor)? A "vida" não pode ter dado condições para que as pessoas contribuam na construção coletiva de uma escola diferenciada e cidadã?



Educadora brasileira:

Quando pensamos nas funções que cada agente de um ambiente escolar exerce, não excluimos em nenhum momento a interação, a participação em outras funções (caso contrário seria tão excludente quanto o modelo que buscamos combater). Contudo, as responsabilidades devem ser pontuadas. Não são todos os pais que possuem competência para discutir um plano político pedagógico. Aliás, no Brasil (acredito que em Portugal isso também ocorra), muitos professores nem sequer têm acesso ao plano, que dirá participar...

Portanto, devemos tomar muito cuidado com as generalizações. Os debates devem ser estruturais, formar ambiente de fraternidade, para sermos capazes de aceitar as diferenças e os conflitos naturais que surgirão, conflitos que não podem tomar acento pessoal (infelizmente o que mais acontece). Só então podemos pensar na participação efetiva nos debates, nas reuniões pedagógicas.

Mas a competência para qualquer atividade não é inata. A competência se produz com técnicas e experiências, que nos desencadeiam erros e acertos, e um local para aprender competências: a escola. Para a atividade pedagógica são necessárias competências claras e precisas. Nem todo pedagogo é competente para lidar com crianças, assim como nem todo pedagogo é competente em gestão escolar. O mesmo ocorre com os pais e com qualquer ser humano.

Somos movidos por juízos de valores, que vão se constituindo em função de nossas experiências vividas. Vida que intercala educação formal e não formal. A vida contribui para aquisição de conhecimentos, mas ela sozinha não basta. É muito interessante trazer a vida na escola, mas as especificidades técnicas, que habilitarão a criança no seu processo de inclusão do meio adulto, no trabalho e nas obrigações sociais devem ser também competência da escola. Se pensarmos que a “vida” é suficiente para a educação democrática, estaremos apenas reforçando o que a história se encarregou de gravar: a desigualdade, a exclusão, a baixa estima etc.

Devemos procurar a educação democrática como a conexão de vida com os conhecimentos culturalmente constituídos pela humanidade por meio da colaboração de todos os agentes. Nossas crianças devem ser preparadas para essas competências que o mercado de trabalho nos exige. É um equívoco pensar que, porque é educação democrática, se deva reforçar a dicotomia entre teoria e prática, passividade e atividade, vida e não vida... Precisamos da vida dos pais, de seus saberes, mas, precisamos da técnica de nossos professores.

“Os pais passaram a ser um dos alicerces político do Projeto Fazer a Ponte, pois reconhecem o melhor para seus filhos, lutam pelas necessidades físicas da Escola, pelas necessidades pedagógicas instituídas pelos professores...” Qual a relação entre a Associação de Pais da Ponte com as outras possíveis Associações de Pais de Vila das Aves? Como se dá o



relacionamento com o poder político da região? Constituem-se como força de reivindicações para o Distrito?

Professor:

A não ser que tenham modificado a sua atitude, as associações de pais de outras escolas não apresentam características idênticas às da Associação de Pais da Escola da Ponte.

As associações de pais de outras escolas foram, quase sempre, utilizadas pelos professores (por vezes, mesmo manipuladas). No passado, os pais que, em outras escolas, reivindicavam o reconhecimento da dignidade do seu estatuto e reclamavam direitos legítimos de intervenção, foram afastados por professores ciosos de privilégios. Por mais absurda que possa parecer esta referência, a verdade é que a maioria das escolas da região se manteve (e mantém-se ainda) fechada à plena participação dos pais dos alunos. Na melhor das hipóteses, as associações de pais são remetidas para meras tarefas de melhoria de instalações ou organização de atividades extra-escolares.

Foi surpreendente verificar que pais de alunos de outras escolas ignoravam, por exemplo, o direito à participação em determinadas reuniões. Vi pais da nossa associação explicando preceitos legais a presidentes de outras associações de pais. E observei as reações de pais e de... professores. Um dia, escreverei sobre o estatuto de minoridade a que muitos pais e associações foram sujeitos, ao longo dos últimos anos.

A relação da nossa associação com outras é formal e caracteriza-se pelo respeito de que são merecedoras, independente das diferenças de opções e de culturas. Talvez no futuro - e perante a verificação dos resultados obtidos pela nossa associação - outras associações venham a reivindicar seus direitos e a assumir atitudes de efetiva intervenção nas suas escolas. Será, então, possível a cooperação a que, há muito tempo, os pais da nossa escola aspiram.

Certos titulares de órgãos de poder local tendem a proteger instituições que se sujeitam ao seu controlo e temem cidadãos e associações, que agem em verdadeira autonomia. Restam, na sociedade portuguesa - e nesta região, em particular - resquícios da "velha política", porque só estamos em democracia há 30 anos...

Tem sido difícil o relacionamento com alguns órgãos de poder e políticos que, persistentemente, vêm prejudicando a nossa escola, os seus alunos e a sua associação de pais. É o preço do exercício de uma verdadeira autonomia. Também por esta razão, sinto o maior respeito e devo a maior gratidão aos pais dos alunos da nossa escola. Em especial, aos pais que assumem, com enormes sacrifícios, a Direção da sua associação. Da sua ação e da cooperação com outras associações locais poderá resultar a mudança cultural e social que as escolas e a região merecem.

Qual é a participação da Associação de Pais na Escola? Qual é o papel que exercem?



Pai de aluna:

Minha filha foi aluna da Escola da Ponte. Fiz parte da Associação de Pais da Escola da Ponte entre 2003 e 2004. O que posso lhe dizer é que a Ponte não existiria como existe hoje se não fosse a Associação de Pais. A genialidade dos professores, a sua boa-vontade e esforço alcançariam muito pouco, se os próprios pais das crianças não acreditassem no projeto e não apoiassem o seu sucesso. Esta é uma lição importante: se os pais de seus alunos não concordam, não apoiam e não se envolvem, esqueça qualquer chance de mudança. Ela não acontecerá. E, se acontecer alguma mudança, ela não se sustentará. Há uma grande diferença com relação à maneira como a Escola da Ponte lida com os pais e a maneira como a maioria das escolas que conheço lida com os pais. Na Ponte, os pais têm voz e vez. Tanta voz e vez que, agora, com o novo contrato de autonomia, quem dirige a escola são os pais. Os professores cuidam da parte pedagógica e os pais cuidam da escola como um todo. Eu não conheço escola pública no Brasil em que o diretor entregue seu cargo a um pai, por exemplo. No contexto brasileiro isto seria inadmissível, impensável, impossível. Na Ponte, não. É não apenas perfeitamente possível como também é a consequência mais lógica de décadas de envolvimento dos pais com o projeto. Não haveria melhor forma de organizar as coisas na Ponte que fazendo assim. Ou seja: na Ponte os pais não são convidados para reuniões apenas para serem informados do que a direção ou os professores da escola decidiram. Não são chamados apenas para serem informados. São chamados para se envolverem e, por isto, para tomar decisões. Sinceramente, não sei quantos professores e quantos diretores de escola, no Brasil, estariam dispostos a isto. E é muito gozado isto, porque ouço uma queixa reiterada por professores e diretores, dizendo que os pais dos alunos não comparecem à escola, não participam de reuniões, não se envolvem. Claro: se são convidados apenas para ouvir, apenas para receber informação, se não são chamados a decidir e se sua voz é interpretada apenas como pedido, não como decisão, então por que se deveria esperar coisa diferente?

Na Ponte, eles não tiveram medo de chamar os pais para tomar decisões. Acho que esta foi a primeira "parede" que caiu, antes que as de tijolos fossem derrubadas: a parede invisível que separa os pais do poder de tomar decisões na escola. Uma questão política que não é nada secundária. Numa escola pública, o diretor representa o poder público. Os pais são o povo.

E o povo tomando decisões, o povo no poder é coisa com que os detentores do poder têm grande dificuldade de lidar. Acho muito difícil encontrar diretores de escolas públicas que aceitem tomar decisões sem ser de cima para baixo. Acho muito difícil um diretor aceitar sentar-se junto com os pais e tomar decisões em que, por exemplo, ele, diretor, seja voto vencido e prevaleça a vontade da maioria, dos pais.

A Associação de Pais da Escola da Ponte não tem papel de "rainha da Inglaterra". Não faz



"figuração". Participa diretamente da vida da escola. E participa porque não apenas tem voz, mas tem poder, agora um poder reconhecido pelo novo contrato e regulamento da escola.

Acho que as maiores dificuldades continuam do lado de cá, de professores e diretores. Professores e diretores em geral não acreditam nos alunos e não acreditam nos pais. Desconfiam. Acham que se deixarem as crianças escolherem, se deixarem os pais tomarem decisões, será o caos, será uma bagunça, nada funcionará direito, a educação se perderá. Acreditam que o poder de decisão deve ficar nas mãos de "quem entende", desde fique claro que "quem entende" sejam eles mesmos, não os pais e muito menos os alunos. É uma questão política séria, que não é banal. Os professores gostam de fazer discursos contra o poder dos outros e em defesa da democracia, mas não questionam e não abrem mão do próprio poder. Democracia sim, desde que o poder de tomar decisões continue somente com os professores e diretores. Está aí uma parede muito difícil de derrubar. Talvez a maior barreira para que o tipo de educação que se faz na Ponte aconteça em outras escolas. Educadora brasileira: Sinto a necessidade de tocar em alguns pontos, pois eles dizem respeito exatamente ao que mais me interessa enquanto pesquisadora: o processo de co-responsabilização da comunidade escolar em relação ao seu projeto. A Escola da Ponte estruturou mecanismos de gestão que envolve, de fato, todos os segmentos: Equipe, Pais ou Encarregados de Educação e Alunos. Quando todos os órgãos previstos em seu Regulamento Interno e no Contrato de Autonomia (esses documentos estão disponíveis no site da Escola) estiverem instalados eles terão, também, representantes de alguns segmentos de Vila das Aves, nas suas instâncias consultivas e deliberativas.

Os Pais são importantíssimos no contexto da Ponte, mas destaco que o estágio de responsabilização que atingiram foi uma conquista, um processo pedagógico de educação para a participação, baseada em muito respeito. O iniciador do projeto, em suas palestras, conta sempre como se deu esse processo e até com muita graça cita o exemplo do vinho, que funcionou como "mediador" da conversa entre ele e um dos pais. Quero dizer com isso que é preciso construir estratégias para atrairmos os pais, para que eles se percebam como parte integrante da Escola.

A Ponte mostra que também não é condição o envolvimento de todos os pais. A Associação de lá, por exemplo, conta sempre com uns 12/15 pais/mães que atuam sistematicamente, que põem a mão na massa. Há reuniões ordinárias uma vez por mês, mas se necessário acontecem outras. Organizam comemorações para o convívio entre todos da comunidade escolar e têm uma atuação política, interferindo quando é necessário algum enfretamento com o Ministério da Educação. Quando necessário opinam e decidem junto com a Equipe da Escola, mas isso não é em relação a tudo. A Escola tem o seu Coordenador do Projeto, que é o profissional que tem assento em todos os conselhos para garantir a unidade da Escola, inclusive será ele quem coordenará as reuniões do Conselho de Pais, quando estiverem todos os órgãos instalados.



Os Pais expressam as suas opiniões e descontentamentos sobre questões pedagógicas, mas não decidem sobre essa pauta, pois se trata de competência da Equipe. A direção da Escola é colegiada, o que implica, efetivamente, não está entregue a um ou outro segmento. **ACONSELHO QUE TODOS LEIAM O CONTRATO DE AUTONOMIA e o REGULAMENTO INTERNO DA ESCOLA** para um melhor entendimento de como funciona.

É preciso ficar atentos às afirmativas que a Escola é dirigida pelos Pais, pois, concretamente, é muito mais força de expressão, para realçar o peso que os pais têm naquela instituição. A proposta é colegiada e pude perceber o peso da equipe nas decisões do cotidiano e até mesmo das crianças, por ocasião das assembleias.

Em determinado momento vocês afirmaram que a Escola Amorim Lima tem um projeto bem diferente da Escola da Ponte (como é de se esperar, pois cada escola tem o seu projeto local). Então, gostaria de saber essencialmente quais são estas diferenças?

Pude acompanhar algumas reuniões de pais e conselhos na Amorim Lima e percebi que esta participação de pais no projeto da escola é de suma importância. Lá temos, pelo menos, cinco pais (que é bem desproporcional em relação à Ponte, pois a Amorim abriga em torno de 800 alunos) que são extremamente ativos na implantação do projeto e têm uma forte atuação política com órgãos oficiais. Então queria saber como a Ponte obteve sucesso em trazer os pais para o cotidiano da escola, isto é, quais estratégias se mostraram mais acertadas?

Educadora brasileira:

Fui eu quem afirmou que há diferenças entre os projetos da Ponte, Amorim e Lumiar, exatamente para realçar o que você destacou: os projetos são mesmo diferentes e não seria o caso tratá-los como se fossem uma espécie de "franchising" (será que escrevi certo?). Acompanhei o trabalho da Ponte por seis meses e estive na Amorim por duas horas, assim como na Lumiar (muito pouco), mas pude constatar a importância dos projetos desenvolvidos por aquelas instituições.

No Projeto da Lumiar considero bastante claro, quanto às afinidades com o quadro conceitual da pedagogia libertária. Lá eles construíram dispositivos pedagógicos e uma forma de organizar a escola nada convencional, realmente bem diferentes, inclusive da Ponte. Sobre a Amorim é muito comum o projeto ser associado (tem circulado muito nos mídias) ao "Fazer a Ponte" e então se tornam inevitáveis as comparações, o que imagino encher a equipe de uma responsabilidade a mais. Porém, percebi a Amorim como sendo uma escola que tem a Ponte como motivação, mas que tem procurado o seu jeito próprio de fazer, até porque trabalha com mais de 800 alunos e, em pouco tempo, já é um projeto voltado para todos (numa outra resposta contei como tudo começou lá na Ponte, lentamente). O projeto da Amorim está bem no começo e, conseqüentemente, esta é uma



fase muito mais de incertezas. O "Fazer a Ponte" já é um projeto adulto.

A participação dos pais na Escola da Ponte foi se construindo, na medida da confiança que o projeto foi inspirando. A equipe sabia da importância dessa participação, do quanto seria estratégica e, então, foram sendo criados os canais de comunicação e fortalecendo-se os vínculos, sem falar que o projeto se colocava numa perspectiva democrática. Como não trazer e/ou deixar os pais entrarem na escola?

Sou diretora de uma escola Infantil e Fundamental, e uma das coisas que noto nos pais dos nossos alunos é a ansiedade pelas "notas" ou valores conquistados pelos filhos nas provas, e também uma preocupação muito grande e cada vez mais cedo, com a preparação das crianças para o vestibular (prova para o ingresso nas faculdades e universidades). Imagino que os "pais novatos" da escola da Ponte chegam com pensamentos semelhantes. Como isso é trabalhado? Demora muito para ocorrer a mudança desse pensamento?

Pai de aluno: Há pais que vêm com tais expectativas da escola que, quando o seu filho, ao fim de um mês ou dois, não consegue ler e escrever corretamente, ficam quase decepcionados.

Bom, os casos são muito diversos, há alunos que vêm para a escola já sabendo ler, há alunos que atingem os objetivos que os pais anseiam e há alunos que passam por períodos de adaptação à própria escola, por se tratar de um novo ambiente para si. E só quando atingem segurança e confiança em si mesmos é que "despontam" para o desenvolvimento escolar. Há uma preocupação em esclarecer os pais do modo de funcionamento da escola e, como se realizam encontros mensais ou bi-mensais com todos, podemos ficar a saber como as "coisas" estão decorrendo.

A abertura da escola é total, pelo que dá a possibilidade aos pais mais ansiosos de se dirigirem ao tutor do seu filho, para serem esclarecidos sobre as preocupações que possam ter.

A relação que se estabelece entre os Pais e/ou Encarregados de Educação é muito importante. Para além das reuniões mensais (formais) da Associação de Pais, os Pais procuram fazer outras atividades (mais informais) de modo a conhecerem-se melhor uns aos outros, como, por exemplo, um pic-nic ou outra atividade?

Pai de aluno:

Os pais participam nas diversas atividades que se realizam na e fora da escola. Por exemplo: O Magusto de S. Martinho (Novembro), a festa de Natal (Dezembro), o Carnaval (Fevereiro), o dia do pai (Março), as festas da Vila (Abril), o dia da Mãe (Maio), as festas de S. João (Junho), as colônias de férias na praia (Junho) e, às vezes, um acampamento de fim de semana (Julho) como



encerramento do período "letivo".

Como vocês avaliam o rendimento/conhecimento/mudanças cotidianas na vida de seu filho, antes e depois da Escola da Ponte?

Pai de aluno:

Considero-me sempre um pouco suspeito, quando tenho que falar do meu filho, mas vou tentar ser objetivo na minha resposta. No que diz respeito ao conhecimento/rendimento, é como outra criança qualquer. Prefere brincar a estudar. Só pretendo dizer com esta resposta simples que eu valorizo o seu desenvolvimento com o máximo de conhecimentos acadêmicos que ele puder adquirir, mas, sobretudo, um nível máximo da sua consciência cívica, social e humana.

Como você avalia o projeto da escola da ponte em relação ao seu tempo de existência? Ocorreram muitas mudanças significativas na forma de conduzir a participação dos pais no projeto educativo ou ainda se mantém a forma adotada no seu surgimento?

Pai de aluno:

Como sabe, o projeto tem cerca de 30 anos de existência e eu só estou há sete (contando com este) na Ponte. Por isso, não quero ser injusto para com quem tem estado na Ponte nestes últimos sete anos.

Algum pai/mãe teve uma repulsa com a Ponte, quando entendeu a forma de ensinar? Teve vontade de tirar seu filho de lá?

Pai de aluno:

É claro que acontece, embora raramente, um pai ou mãe demonstrar alguma desilusão com a escola da Ponte, acabando por tirar de lá o/a filho/a. Não pela forma de ensinar, mas tirando por outras razões de âmbito pessoal e/ou particular, porque o/a filho/a não correspondeu às expectativas criadas pelo/a pai/mãe e quando isso acontece, a "culpa" nunca é do/a seu/sua querido/a filho/a, passa a ser da escola e do método de ensino...

A Ponte, como qualquer outra organização, não deseja unanimidade de opiniões e interpretações sobre si mesma, talvez sim maior coerência e justiça nas críticas que lhe são dirigidas e nas razões (desculpas) que são usadas para tirar os alunos de lá, ou para não os matricular em lá.

Estudar na Escola da Ponte vai contribuir para o futuro de seu filho de uma maneira mais



construtiva, que se ele estivesse estudando em outro tipo de escola?

Pai de aluno:

Como pai, penso que seja quem for, aluno, pai, professor, auxiliar, visita, fornecedor de bens e/ou serviços, ao ter estado em contato com esta escola o tempo suficiente para reparar (mesmo sem entender) na forma como se desenvolve o dia a dia da Ponte, jamais ficará indiferente a essa experiência a partir desse momento.

Por isso, o meu filho poderá vir a ser tudo, bom, mau, licenciado ou não, mas uma coisa eu terei tranquila: a consciência de que lhe proporcionei o melhor ambiente para um desenvolvimento acadêmico e uma cultura de escola singulares.

Porque a escola não funciona até ao 12º ano de escolaridade? Qual deve ser o perfil de um professor para ser admitido na escola? A maioria dos pais que inscrevem seus filhos nesta escola tem um modo de pensar/viver mais holístico?

Pai de aluno:

Confesso que tive que consultar o dicionário para tentar perceber o que queria dizer sobre o que considera pessoas/pais que têm um modo de pensar/viver mais "holístico". Daí que "holístico" segundo o Dicionário da Porto Editora de 2006 é: 1 "relativo a chulismo"; 2 "que concebe a realidade como um todo" (do gr. pelos, «todo» +-ismo). Ora, "holismo" segundo o mesmo dicionário é: "doutrina segundo a qual o homem, enquanto um ser indivisível tem características que faltam aos seus elementos constitutivos" (do gr. hólós, «todo» +-ismo). Bem, se entendi o que li e a sua pergunta é efetivamente isto que queria significar, poderia dizer que, usando o termo filosófica e/ou psicologicamente, há realmente pais com esse modo de pensar/viver. Contudo, considero que há mais pais a optarem pela Ponte por razões mais tangíveis, como por exemplo, eu, que tive em consideração estas vertentes: a educação para a cidadania, o desenvolvimento da autonomia, a responsabilidade individual (consciência cívica), enquanto parte integrante duma sociedade, a aquisição de conhecimentos essenciais e ao mesmo tempo transversais aos meramente científico/pedagógicos, como por exemplo, a questão dos valores, dos princípios etc.

“Alunos jogados fora por outras instituições de ensino” chegam totalmente desmotivados. Imagino que o processo de re-motivação seja longo e árduo. E que, para a família deste aluno, a Escola da Ponte seja como um último recurso, ou a tábua de salvação. Qual o processo feito com esta família para que coopere com a re-motivação de seu filho?



Professor:

Gostaria de partir do raciocínio de que não são só os pais que são chamados pelos professores à escola. Os professores também são chamados pelos pais. Dito de outra maneira; nós estamos sempre disponíveis para discutir qualquer assunto com os pais. Por outro lado, os pais tomam, efetivamente, decisões sobre o percurso do seu filho e sobre a escola (esta questão é fundamental). Existe diferentes espaços de interação com os pais. Muitos deles são informais (para resolver problemas específicos), outros são mais formais (reuniões gerais - que servem mais para resolver questões de escola). O trabalho de ligação do professor-tutor com cada pai é muito mais personalizado, mais contínuo e prolongado. De algum modo, estes três fatores revelam ser essenciais, para que algumas alterações se processem e possam ajudar as famílias a re-motivar os seus filhos.

Quais razões o fizeram escolher a Escola da Ponte para matricular seu filho? O que você buscava?

Pai de aluno:

A principal razão que me levou a matricular o meu filho na Ponte foi a educação para a cidadania. Aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas, simultaneamente de formação pessoal e cívica. O que buscava realmente era uma forma de motivar e despertar o meu filho para aquilo que ele se sentisse mais vocacionado, sem programa pré-determinado, rígido, exclusivamente teórico. Eu sempre senti (enquanto aluno) que desperdiçava tempo demais com "disciplinas" que não me interessavam nada, por isso, à priori (porque não conhecia como hoje conheço) pensei que a Ponte poderia ser para o meu filho o que a escola no meu tempo (e ainda agora no tradicional) não me ofereceu.

A Associação de Pais se destina exclusivamente a atender às questões inerentes à Escola ou existem atividades, de interesse do grupo, que não sejam específicas da Ponte? Outra questão é: até que ponto o exemplo de cidadania vivenciado pelos alunos da Ponte serve de referência para a condução da Associação de Pais?

Pai de aluno:

A Associação de Pais da Ponte surgiu por haver necessidades na escola, há 30 anos. Atualmente, continua a ser um dos "pilares" de construção da escola que pretendemos para o futuro. Por isso, para além das atividades que consideramos inerentes à escola, desenvolvemos outras de âmbito mais alargado. Por exemplo: colóquios e conferências subordinados ao tema da educação, cortejos



alegóricos das festas da vila, participamos ativamente no M.A.P. (movimento associativo de pais) a nível local, regional e nacional, entre outras ações sociais. O exemplo da cidadania vivenciado pelos alunos serve sempre de referência não só para a condução da associação, como para os pais. Os alunos realizam uma campanha eleitoral para a eleição da assembleia de alunos que faria inveja aos partidos políticos que fazem parte da Assembleia da República. Os adultos, quando se reúnem, têm tendência para falarem todos ao mesmo tempo (conversas cruzadas), mas os alunos, em reuniões, levantam o braço e aguardam que lhes deem a palavra para intervirem. O espaço envolvente da escola não precisa ser constantemente "vistoriado" pelas auxiliares para limparem todo o tipo de "lixo" que os alunos na maioria das escolas libertam pelo "recreio", como fazem os adultos habitualmente em qualquer parte onde se encontrem. Os alunos são capazes de nos "chamarem à atenção" por estarmos a falar demasiado alto, para nos fazermos ouvir. Às vezes sentimo-nos envergonhados por isso.

Há participação de pais na vida da escola de seus filhos, prevalecendo a democracia responsável. A escola é "aberta, democrática e promotora da presença e da participação parental, os pais consideram-na como um complemento da sua família". A minha questão é no sentido de como se criar uma mentalidade consciente de que a escola é um complemento da família, quando temos, na realidade, que muitos pais entendem a escola como a única responsável pela educação de seus filhos. A meu ver, muitas famílias brasileiras não veem a escola como complemento da entidade familiar, mas sim uma entidade em separado e única responsável pela educação de seus filhos. Como mudar essa mentalidade?

Pai de aluno:

Em minha opinião, os pais devem ser capazes de demonstrar aos professores que a sua presença na escola não tem um objetivo fiscalizador, crítico ou simplesmente inquisidor.

Talvez seja conveniente distinguir "educação" de "ensino" para poder agir objetivamente em complementaridade social. Os pais devem assumir-se como os principais responsáveis pela "educação" dos seus filhos dizendo aos professores que não querem, nem têm competências para serem promotores de conhecimentos acadêmicos. Os professores, por seu lado, devem assumir-se como "elos de transmissão" dos conhecimentos acadêmicos, não se demitindo da sua ação pedagógica, na interpretação mais abrangente possível do termo.

Cada uma das partes não consegue, por si só, atingir o resultado que se pretende. Por isso, é preciso abertura de parte a parte e muito diálogo para complementar o conhecimento que cada criança. A conjugação destas duas formas de estar na comunidade completa-se, promovendo um resultado espantoso.



Cabe a cada um de nós fazer um esforço por mudar-se primeiro a si mesmo. A partir daí, tudo passa a ser assumido coletivamente.

Como (e quanto) os pais participam da "vida" da escola? Quando digo VIDA, me refiro a todos os aspectos da escola, como a parte burocrática, como a parte pedagógica. Qual a intervenção que fazem como acontece? Qual é a abertura dada aos pais e qual os benefícios disso?

Pai de aluno:

Os pais participam da forma mais diversa na "vida" da escola. Nas reuniões mensais ou bimensais (conforme o momento) com todos os orientadores educativos, periodicamente, de uma forma individualizada, com o orientador educativo, tutor do seu filho/educando, nas atividades sociais e recreativas promovidas quer pela escola no seu todo, quer pela Associação de Pais.

Em termos pedagógicos, de aprendizagens, isso é da exclusiva responsabilidade dos orientadores educativos, embora o presidente da Associação de Pais, ou quem o represente, participe nas reuniões gerais do Conselho de Projeto. E tem oportunidade de emitir a sua opinião sobre algumas questões.

Atualmente, com a constituição dos Órgãos previstos no Contrato de Autonomia (Conselho de Direção, Conselho de Gestão, Conselho de Pais e Gestora), o primeiro é composto pela gestora, pela coordenação (geral e de núcleos), pelo presidente da Associação, pelo presidente da autarquia local (Junta de Freguesia), por um representante de instituições socioculturais, desportivas ou económicas e por três pais (em representação de cada núcleo). Desta forma, cinco orientadores educativos, quatro pais e dois elementos da sociedade constituem o órgão responsável pela decisão da elaboração "das grandes linhas orientadoras da escola".

A abertura para com os pais (e vice-versa) é total, sem reservas nem preconceitos, por isso, só pode haver benefícios nesta relação. Você consegue perceber no dia a dia, que seu filho em pequenas ações, reproduz a autonomia exercitada na Ponte?

Pai de aluno:

Se considerarmos que autonomia significa iniciativa, disponibilidade para efetuar qualquer serviço doméstico, colaboração com qualquer familiar que esteja a fazer qualquer trabalho, certamente que sim. O meu filho não precisa que "lhe soprem aos ouvidos", para fazer o que deve ser feito. Já não se mostra tão expedito para trabalhar em casa as questões escolares. Segundo ele, já lhe chega o faz na escola. Nós é que nunca estamos satisfeitos e lá vamos insistindo para que faça alguma coisa



como, por exemplo, ler, treinar a escrita e alguma matemática etc.

Acredito sempre que os pais são a peça fundamental para ajudar os filhos no seu percurso escolar. Alguns não conseguem acreditar que os filhos têm potencialidades para ir mais longe: são os primeiros a dizer que os filhos são uns "burros" como já tem acontecido com alunos meus e que nunca serão ninguém. Outros colocam os filhos num pedestal - acham que eles são os melhores alunos da sala e da escola e não admitem que os filhos possam errar.

Por que razão há estas disparidades tão grandes? O que se poderá fazer para que os pais encontrem um equilíbrio nas suas opiniões em relação aos filhos?

As diretoras da escola em que trabalho estive em visita à escola da Ponte e ficaram deslumbradas com o que viram. Mas sinto que no Brasil os "muros" ainda são muito altos e a relação entre pais e escola é um tanto quanto difícil.

Muitos professores têm medo de se encontrarem com os pais, de deixá-los mais ativos nas decisões escolares, como se eles fossem "balançar as estruturas" já enraizadas de alguns professores.

Gostaria de saber como a Escola da Ponte pratica esta relação. De que forma os pais participam das atividades da escola e o que isto tem modificado em relação a um maior aproveitamento e motivação por parte dos alunos.

É importante percebermos a importância de ter os pais na escola, eles são excelentes parceiros em todo o processo de ensino-aprendizagem. São eles que melhor conhecem os seus filhos. Se combinarmos com os pais as estratégias a adotar as crianças não se sentirão mais protegidas, mais apoiadas? Enquanto existirem professores que pensem que os pais devem permanecer calados, ou se limitarem a receber informações, ou a participar em custos, o ensino não assistirá a reforma nenhuma, porque elas não se processam enquanto a mentalidade retrógrada permanecer. Para terminar, +pergunto: Não somos todos nós educadores? O que seriam maneiras +equivocadas de tentar aproximar pais e escola? Que tipo de "armadilhas" escolas e professores devem evitar para não afugentarem os pais?

Pai de aluno:

As "armadilhas" que afugentam os pais são por demais conhecidas. É o chamar os pais para lhes dizer que o filho não está a estudar, a esforçar-se como deveria; que poderá reprovar; que partiu um vidro; que os pais terão de estar mais atentos...

Os horários fixados para "atendimento aos pais" também ajuda a afastá-los da escola. Sou professor, mas também sou pai. Quando recebia dos diretores de turma do meu filho, a informação de que



poderia reunir com eles, "entre as 10h e as 10h 45 da última quinta-feira do mês", eu respondia-lhes, perguntando de não poderiam atender-me no fim da tarde de um qualquer dia, para que eu não tivesse que faltar ao trabalho. Nunca recebi resposta dos diretores de turma!

Só me lembro de ter sido chamado para uma reunião de pais. Melhor seria que lá não tivesse ido. Os (poucos) pais presentes na reunião foram maltratados, humilhados. Alguns olhavam para mim, porque conheciam o meu modo de reagir à arrogância e à desfaçatez. Eu não disse palavra. Saí como entrei. Não quis pôr em causa um colega de profissão. Ainda hoje, não sei se terá sido a melhor atitude. Mas acredito que atrás de tempos vêm outros tempos. As coisas só podem melhorar...

Como pai, o que considera mais importante na Ponte? O que considera que pode ser melhorado? Mesmo sabendo que todos os lugares têm algo que não vai bem, a Ponte tem algo que o desagrada? A participação dos pais na escola onde trabalhei também era grande, porém havia pais que intervinham de forma improdutiva, querendo ditar regras. Isto acontece na Ponte? Como é contornado, ou seja, como criar uma cultura de participação construtiva? Quais razões o fizeram escolher a Escola da Ponte para matricular seu filho? O que você buscava?

Pai de aluno:

O mais importante que a Ponte tem é o seu projeto educativo, desde que devidamente interpretado e posto em prática, tendo por base a sua filosofia pedagógica.

Sem esquecer as instalações, que toda a gente sabe que são quase indignas para um projeto destes, o que eu considero menos bom na Ponte (refiro-me ao corpo docente, com honrosas exceções) é a falta de humildade de alguns para aprender, para perguntar quando não se sabe, para ouvir críticas sem ficar ofendido e promover o espírito de "grupinhos" em vez de promover a solidariedade, cooperação, tolerância e compreensão dentro da comunidade a que pertencem. Afinal, é da responsabilidade dos orientadores educativos cumprir e fazer cumprir o projeto e as regras que lhe estão subjacentes...

Os professores têm que se abrir mais aos pais, têm que os considerar parceiros indispensáveis na educação dos seus filhos nas escolas, têm que tentar fazer com que os pais sintam que fazem parte das escolas dos seus filhos e que o seu aproveitamento é tanto maior quanto mais os pais intervierem na construção dos projetos que desenvolvem.

Existe algum estudo sobre o egresso da Escola da Ponte, quanto à adaptação normal ao trabalho? Aos estudos?



Educadora brasileira:

Entrevistei uma mãe de ex-aluno da Ponte e ela falou-me das dificuldades de adaptação em relação aos processos nada democráticos que marcam as outras escolas. Em relação às aprendizagens não houve problema algum, no caso do filho dela.

No Brasil, quando existem "problemas de disciplina" com um aluno dentro da escola, a família dessa criança é chamada na escola para responder conjuntamente com o aluno sobre seu comportamento. Como a Escola da Ponte vê o envolvimento dos pais na questão da disciplina dos alunos?

Professor:

Apesar das diferenças, e respeitando a individualidade de cada um, todos os alunos se regem por um referencial comum de Direitos e Deveres elaborado pelos alunos em Assembleia de Escola. São as próprias crianças que têm o papel mais ativo na gestão do seu conhecimento e dos seus próprios conflitos, regendo-se por um sistema de regras complexo, que nenhum dos alunos fica ilibado de cumprir.

Os alunos evidenciam regras de cidadania e participação democrática que deixariam corar muitos adultos. Sempre que se identifica um aluno com indícios de incumprimento dos seus deveres, a Comissão de Ajuda intervém numa forma de auto responsabilização coletiva, que permite diminuir a intervenção dos professores nos problemas disciplinares.

O que cada escola espera dos pais eu não sei. Cada escola é um caso único e irrepetível. Não há fórmulas a aplicar. Há portas para abrir. Se pais e professores desejam interagir e participar, apenas após essa “abertura” se poderá responder.

Competirá às escolas tomar a iniciativa. A tradição de participação das famílias na vida da escola é escassa, e dificilmente os pais darão o “primeiro passo”. Por seu turno, os coletivos escolares, habitualmente, mantêm uma posição de “prudente distância”, talvez por se aperceberem da importância social e dimensão política da criação de mediações entre as famílias e as escolas.

A relação entre as famílias e as escolas é, frequentemente, pautada por equívocos relativamente ao papel que cada uma das instituições desempenha no ato de educar. Família e Escola têm estatutos diferentes, cumprem diferentes finalidades, completam-se. Se os pais e os professores compreendem as diferenças e buscam modos de agir complementares, acontece articulação, cooperação. Quando a escola se refugia em preceitos institucionais defensivos, fica ensimesmada. Quando as famílias murmuram do lado de fora dos muros das escolas, criam tensões, tendem a desautorizar os professores, ou – o que é bem mais grave! – ostracizam as escolas, considerando-



as depósitos de alunos.

O tradicional diálogo de surdos pode e deve dar lugar a uma gradual abertura das escolas à intervenção dos pais dos seus alunos. O resto virá por acréscimo.

A experiência de colaboração entre pais e professores na Escola da Ponte mostra ser possível a emergência de novas práticas. E apenas estamos no princípio...

Nos anos 70, a Ponte estava em ruínas, havia alunos alojados em casebres, exclusão escolar e social... e parecia que o “descaso e o abandono” iriam perdurar. Onde estariam os pais daqueles alunos? Importar-se-iam com as parcas condições de trabalho dos seus filhos e professores? Amariam os seus filhos, ou iriam deixá-los permanecer nas condições degradantes em que se desenrolava o drama educativo? Se a administração educativa e os órgãos de poder se mostravam insensíveis perante a situação, somente poderíamos contar com um aliado: os pais. E fomos ao seu encontro.

Conheço iniciativas de escolas públicas do Brasil que lograram romper com um discurso fatalista. Vejo pais se envolvendo na vida dessas escolas, dando provas de maturidade cívica e de amor aos filhos. Apercebo-me da cooperação entre esses pais e os professores. Mas está tudo ainda no início. Pouco mais poderei acrescentar. Talvez seja suficiente dizer que os pais, participando na vida das escolas, poderão ajudar os professores a recuperar o estatuto social que merecem, que perderam, e que o Estado tarda em reconhecer.

Se as famílias e as escolas prescindirem de tabus e mistérios institucionais, deixarem de estar de costas voltadas, e compreenderem a importância de uma cooperação no respeito mútuo, “Familiarizar” a Escola não será mais do que abrir mão de algum poder por parte dos professores, o que pressupõe envolver, responsabilizar a Família. O contrário (“escolarizar” a Família) já não me parece aconselhável...

A co-responsabilização não aconteceu por acaso. Surgiu de uma necessidade premente de assegurar melhores condições de trabalho às crianças no ofício de aluno. Os primeiros tempos da parceria foram gastos na satisfação de necessidades elementares. Depois, os pais avançaram para objetivos mais elaborados. Deixaram de substituir o Estado nas suas obrigações, para assumirem uma atitude de exigência perante o Estado. Por sua vez, os professores fizeram um enorme esforço de reelaboração das suas representações e da sua cultura pessoal e profissional. Destruíram muros, estabeleceram mediadores interinstitucionais, criaram códigos de comunicação, dispositivos de colaboração... As palavras-chave que caracterizaram (e caracterizam) esse processo talvez sejam “aceitação” e “respeito”. Porém, novos conflitos e tensões vão emergindo. Estamos só no princípio...

Como os pais de alunos lidaram com os conflitos de educarem seus filhos com uma proposta diferente - e muitas vezes até oposta - da forma como foram educados?



Pai de aluno:

Pessoalmente, respondo-lhe citando Ruben Alves: É "a escola com que sempre sonhei, sem saber que pudesse existir". Poderá imaginar o conflito "interno/psicológico" e a dimensão do meu desgosto, pelo fato de não ter tido a possibilidade de frequentar, no meu tempo de criança, uma escola como esta.

Enquanto jovem estudante (e ainda hoje) custava-me muito aceitar como é que tinha de me dispor mentalmente a aprender de 45 em 45 minutos disciplinas diferentes. Porque não se aprende de uma forma interligada e com sentido?

Concordo com o Rubem Alves quando diz “Para entender é preciso esquecer quase tudo o que sabemos” agora a minha pergunta é: Como se faz isso? As crianças que entram na Escola da Ponte já têm à partida uma série de adultos “contaminados” a influenciarem o seu ser e estar. Como se fortalece a segurança de crianças que continuam a ser vistas como “seres de menor importância”, sabendo à partida que ao saírem da Escola da Ponte no final de um dia de atividades, irão ser confrontadas com um meio totalmente “cheio de vícios ocultos” e com origem naqueles que mais próximos estão, os familiares, amigos e vizinhos?

Pai de aluno:

A escola tem uma filosofia própria, que procura usar em benefício das crianças, desvalorizando o que de menos bom possa ter sido interiorizado por elas, dando-lhes a importância e o valor que devem ter.

As crianças são descomplexadas, despreconceituosas e frontais, logo, contestam qualquer coisa que considerem errado. A liberdade de expressão, os debates em grupo, em núcleo e em assembleia fortalecem-lhes as convicções individuais e coletivas, influenciando positivamente a família, os amigos e os vizinhos.

Por isso, quanto mais não seja, pelo menos algumas "células" de uma sociedade preconceituosa, podem vir a dar os seus frutos no futuro, porque este se faz hoje. É preciso acreditar nas novas gerações e naquilo que de bom elas transportam dos locais de onde provêm.

Aluna:

Quando algum de nós entra na Escola da Ponte, os familiares, mais propriamente os pais, têm de estar de acordo com este ensino, caso contrário não colocariam lá os seus educandos a estudar. Contudo, é certo que haverá pessoas do rol de amizades que não apoiarão a escola que os acolhe,



mas o melhor a fazer é explicar-lhes o seu funcionamento ou, em casos extremos, ignorar! Na escola, não recebemos qualquer tipo de aconselhamento para “suportar” tais atitudes. Podemos, como é óbvio, partilhar o que acontece de forma a obtermos sugestões. As “crianças”, embora pequenas, sabem muito bem o que desejam, o que gostam e o que não gostam.

E quem põe em causa os seus gostos é surpreendido com a reação que obtém por parte daqueles que tenta “subjugar”.

Uma coisa que a Escola da Ponte desenvolve muito nos seus alunos, é a capacidade de se expressarem sem medo da oposição. Isso ajuda-nos a defender os nossos ideais perante qualquer situação. A nossa opinião é respeitada, pois pode haver alunos que até concordem com as críticas e apenas frequentem aquela escola por decisão dos pais, e aí nada se pode fazer se não ajudá-los a mostrar aos pais que estão errados.

Durante a nossa vida, chegamos à conclusão de que não há meio que não esteja “cheio de vícios ocultos” e, quando não dizem respeito à nossa escola, estão de acordo com as nossas crenças, o melhor para mantermos a nossa mente “descontaminada” é resistir sem qualquer receio, tendo o apoio daqueles que nos são mais queridos - os nossos pais! Eles são o porto de abrigo e com a sua ajuda podem vir vendavais, que o nosso barco continuara sempre amarrado.

Gostaria de saber como vocês, pais, participam das atividades da escola. Se existem reuniões periódicas, ou se vocês podem ir à escola quando assim desejarem, como colaboram com as atividades da escola. Se os pais têm poder para opinar no dia a dia da escola.

Pai de aluno:

Procuramos participar sempre nas atividades da escola, quer sejam de nossa iniciativa, quer sejam da iniciativa dos professores e alunos. Participamos em jogos tradicionais, em torneios diversos, nas comemorações das festas tradicionais (Magusto de S. Martinho, Natal, Carnaval, S. João, Colônias de férias, etc.). Há reuniões mensais com os professores e todos podem ir à escola quando lhes for mais oportuno.

Sempre foi possível opinar, no dia a dia da escola, através das reuniões periódicas. E continua a ser o meio privilegiado para fazê-lo, para além das reuniões pessoais que os pais fazem individualmente com os tutores.

Algum pai teve uma repulsa com a Ponte, quando entendeu a forma de ensinar? Teve vontade de tirar seu filho de lá?

Pai de aluno:



É claro que acontece, embora raramente, um pai ou mãe demonstrar alguma desilusão com a escola da Ponte. Não pela forma de ensinar, mas, tirando outras razões de âmbito pessoal e/ou particular, porque o(a) filho(a) não correspondeu às expectativas criadas pelo(a) pai(mãe) e quando isso acontece, a "culpa" nunca é do(a) seu(sua) filho(a), passa a ser da escola e do método de ensino... A Ponte, como qualquer outra organização, não deseja unanimidade de opiniões e interpretações sobre si mesma, talvez sim maior coerência e justiça nas críticas que lhe são dirigidas e nas razões (desculpas) que são usadas para tirar os alunos, ou para não os matricularem lá.

Estudar na Escola da Ponte vai contribuir para o futuro de seu filho de uma maneira mais construtiva, que se ele estivesse estudando em outro tipo de escola?

Pai de aluno:

Como pai, penso que seja quem for aluno, pai, professor, auxiliar, visita, fornecedor de bens e/ou serviços, ao ter estado em contato com esta escola o tempo suficiente para reparar (mesmo sem entender) na forma como se desenvolve o seu dia a dia, jamais ficará indiferente a essa experiência. Por isso, o meu filho poderá vir a ser tudo, bom, mau, licenciado ou não, mas eu terei tranquila a consciência de que lhe proporcionei o melhor ambiente para um desenvolvimento acadêmico e uma cultura de escola singular.

Sou professora de Educação Especial no curso de Pedagogia de uma Universidade Pública no Brasil. Gostaria de saber como pais e alunos vivenciam a inclusão de crianças e adolescentes com necessidades educacionais na Escola da Ponte. Quem são essas crianças e como são feitas as adaptações para elas?

Ex-aluna:

Falo como aluna, melhor dizendo, ex-aluna da Escola da Ponte, que compartilhou grande parte dos seus anos de estudante nessa escola com pessoas com necessidades educacionais.

Eu trabalhei num grupo com uma menina com trissomia 21, e dividi a minha escola com crianças com outro tipo de problemas de aprendizagem. Sinto-me mais à vontade para falar da menina que se incluía o meu grupo de trabalho, uma vez que grande parte do dia convivia com ela. Antes de mais, não havia qualquer tipo de distinção por parte dos colegas, pois sempre a vimos como um ser humano, tal como todos nós, só que tinha tido o "azar" de ter nascido um pouco diferente, mas que em tudo o resto nos era igual, se não superior, sendo assim merecedora do nosso respeito e apoio. A sua inclusão foi muito fácil. Não sei explicar como aconteceu, porque simplesmente aconteceu! É incrível, mas quando nos deparamos com pessoas com esta síndrome, desenvolvemos



imediatamente um laço de amizade e afeto difícil de expressar. Penso que, talvez, se deva ao fato de nos abstrairmos do superficial, dando apenas importância ao interior, que pensamos passar-lhes despercebido!

Trabalhar com ela tinha os seus altos e baixos. Tente convencer alguém, que é fanático por revistas cor-de-rosa, que fala dos seus cantores favoritos, a trocá-las por uma ficha de português e verá que tem o seu grau de dificuldade!...

Porém, as tarefas que ela tinha durante o dia para fazer estavam de acordo com as suas capacidades. A leitura e alguns trabalhos manuais também faziam parte do seu dia a dia, de forma a mantê-la interessada e empenhada no estudo.

Esta experiência fez-me crescer muito e ver que ainda há muito para aprender quanto a estas pessoas maravilhosas.

